

## COMPETÊNCIAS / SINERGIAS DAS EQUIPAS DE SAÚDE

Cláudia Margarida Correia Balula Chaves \*

Consideramos equipa e trabalho em equipa noções que fazem parte da mitologia das profissões relacionadas com a saúde.

Ainda, relativamente ao facto da formação dos profissionais a OMS (1988), refere que os mesmos devem ter a oportunidade de aprender a trabalhar em conjunto, assim como, deveria dar-se tanta ou mais importância às competências relacionais (saber – ser, saber – estar) do que às instrumentais (saber – fazer) e cognitivas (saber – saber).

Estamos de acordo com GRAÇA (1992), que nos diz que é a este nível que as equipas falham por falta de capacidades em relações humanas, por falta do saber – ser e saber – estar em grupo, por falta de liderança eficaz e por falta da heterogeneidade das competências e papéis.

Trabalhar em equipa implica as pessoas realizarem em conjunto tarefas ou missões concretas como expressão da nossa linguagem profissional. O trabalho em equipa de acordo com LOFF (1994), é a actividade sincronizada e coordenada de diversos profissionais, de categorias diferentes para cumprir um objectivo comum, sendo que o produto final (equipa) é diferente da soma das partes, ou seja, o trabalho desenvolvido por cada trabalhador isoladamente é diferente daquele realizado pela equipa.

Relativamente à profissão de enfermagem BARBIERI (1997, p. 22) acrescenta que *“o que dá eficácia a uma equipa é a diversidade dos contributos específicos de cada profissão. Só possuindo uma concepção clara e precisa pode o enfermeiro projectar uma imagem positiva, quer na sociedade, quer nas equipas que integra e consciencializar os pontos de sobreposição da sua intervenção com os dos outros profissionais, num clima de respeito, confiança, cooperação e apoio”*.

Acreditamos, que nos dias de hoje é impossível aos profissionais de saúde trabalharem isoladamente, quer devido à complexidade das situações apresentados pelos utentes dos serviços de saúde, quer devido (KEROUAC et al, 1996) ao desenvolvimento tecnológico, quer ainda à explosão e fragmentação do conhecimento.

Os técnicos de saúde fazem parte de uma equipa e como tal, devem saber executar as suas actividades em interacção para que a melhoria da prestação de cuidados seja alcançada.

---

\* Assistente do 1º Triénio – ESEnf Viseu. Mestranda em sida: da prevenção á terapêutica – Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

Segundo GRAÇA (1992) a equipa de cuidados de saúde primários é nuclear, constituída, no mínimo, por três elementos (médico, enfermeiro e administrativo) responsáveis pela prestação de cuidados de saúde a 1500 utentes de uma área geograficamente delimitada e a que eventualmente se poderá juntar o técnico sanitário, o médico de saúde pública, o técnico de serviço social, entre outros.

Pressupõe-se que os elementos da equipa contactem entre si frequentemente e prestem cuidados de saúde integrados. Nesta perspectiva, de forma a responder eficazmente a todas as solicitações colocadas pelos utentes, torna-se indispensável que os profissionais de saúde juntem esforços no sentido de realizar um verdadeiro trabalho em equipa, o qual é baseado na cooperação (entre os diversos modelos) e em contacto regular, face a face, envolvidos numa acção coordenada, cujos membros contribuam de maneira empenhada, competente e responsável para a realização de uma determinada actividade (OMS, 1988).

Nesta vertente, o trabalho em equipa é condicionado por diversos pressupostos, de acordo com a OMS, referenciada por GRAÇA (1992), válidos para as organizações de saúde:

- Partilha de objectivos comuns, em que cada membro da equipa deve ter uma definição clara e precisa da missão da equipa;
- Compreensão e aceitação dos papeis e funções de cada um. Neste caso, um grupo só está em condições de trabalhar em conjunto, como uma equipa depois de todos os seus membros conhecerem e aceitarem os papeis uns dos outros, ou seja, quem deve fazer o quê para que a equipa atinja os seus objectivos ou metas;
- Existência de recursos humanos e materiais suficientes. A falta de um destes elementos compromete o trabalho em equipa; a título de exemplo referimos alguns Centros de Saúde com um número escasso de profissionais de saúde;
- Cooperação activa e confiança mútua, onde as pessoas se exprimam livremente e sem receio. Também é necessário que dentro e fora dos serviços haja um clima propício à criação e funcionamento das equipas de trabalho, o que implica estar atento ao meio ambiente pertinente da equipa (Centro de Saúde e Comunidade);
- Liderança adequada e eficaz, com uma rede de comunicação circular, aberta e multidireccional. O líder deve emergir do grupo e não ser imposto. No primeiro caso, a equipa de trabalho implica uma comunicação aberta, multidireccional, embora menos eficiente (em termos de custos homem/hora) mas mais eficaz. O Centro de Saúde, enquanto sistema aberto, por excelência, dificilmente pode funcionar de outro modo, sob

pena de caminhar para a entropia e disfuncionamento. Pelo contrário, na casa de um grupo hierárquico tradicional, há uma unidade de comando em que a comunicação é fechada e unilateral;

- Mecanismos de *feedback* e de avaliação. As atitudes e comportamentos terão que ser necessariamente avaliadas, pois só assim se conseguirá obter um funcionamento de uma equipa e assegurar a sua direcção.

Em suma, o trabalho em equipa é hoje uma exigência e um desafio para todos os profissionais e não-profissionais que estão empenhados na cooperação inter-sectorial em saúde. Devendo ser considerada como uma experiência inovadora no campo da saúde susceptível de afectar positivamente tanto a satisfação dos utentes como a satisfação dos profissionais. Desta forma uma e outra passam a ser dois critérios de “avaliação permanente” do Serviço Nacional de Saúde.

### BIBLIOGRAFIA

BARBIERI, Maria do Céu Aguiar - Trabalho em equipa: o contributo dos enfermeiros. *Sinais Vitais*. Coimbra. N.º 10 (Jan. 1997), p. 19-22.

GRAÇA, Luís – Trabalho em equipa uma nova lógica da organização do trabalho e de participação da gestão. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*. Lisboa. Vol. 10, n.º 1 (Jan./Mar. 1992), p. 5-18.

KEROUAC, Suzanne [et al.] – *El pensamiento enfermeiro*. Barcelona: Masson, 1996. ISBN 84-4580365-4.

LOFF, Ana Margarida – Relações Interpessoais. *Enfermagem em Foco*. Lisboa: SEP. N.º 13, Ano IV (Nov./Jan. 1994), p. 56-63.

OMS – *Apprendre ensemble pour oeuvrer ensemble au service de la santé. Rapport d'un groupe d'étude de l'OMS sur la formation pluriprofessionnelle du personnel de santé : la formation en équipe*. Genève: OMS, 1988 (série de rapports techniques, 769).